

Grupo de Lectura: Narrativas de um projeto de experiências leitoras literárias em língua espanhola

Joana de Fátima Rodrigues ¹

Agnes dos Santos Ezequiel ²

Ana Carolina Lopes Silva ³

Gabriely Bezerra Lourenço do Nascimento ⁴

Suellen Dias Ciccotti ⁵

RESUMO

Depoimento coletivo do *Grupo de Lectura Leituras e conversas sobre textos literários em língua espanhola*, com o objetivo da construção de memória dessa experiência destinada à leitura de textos literários em língua espanhola junto aos alunos (es) do curso de Letras Espanhol-Português da EFLCH, e também ao público externo da Unifesp, desenvolvida pelo programa de Monitoria de Literaturas em Castelhana no âmbito do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

¹ Professora de Literaturas em língua espanhola da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Possui bacharelado e licenciatura em Letras, com habilitação em Português e Espanhol (USP, 2002), mestrado (2005) em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, e doutorado (2011) em Literatura Brasileira, ambos pela USP. Pós-graduada em Tradução Espanhol-Português (Universidade Gama Filho, 2008) e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 1980). Desenvolveu pesquisa de Pós-Doutorado junto ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP no período de 2019 a 2021 sobre produção epistolar de Gabriel García Márquez. Integra a equipe de pesquisadores do Observatório de Educação Superior da EFLCH <https://www.unifesp.br/campus/gua/observatorio/170-observatorio>. Atuou como Assessora de Comunicação da Direção Acadêmica da EFLCH, campus Guarulhos da Unifesp (gestão 2017-2021). E-mail: rodrigues.joana@unifesp.br. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1680-1449>

² Graduanda em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Monitora do Programa Monitoria de Literaturas em Castelhana e do projeto de extensão MEMOREF da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: eagnesantos@gmail.com

³ Graduanda de Bacharelado em Letras Português - Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Monitora do Programa Monitoria de Literaturas em Castelhana 2020/22 e mediadora do projeto Grupo de Lectura. E-mail: carolina.lopes30@unifesp.br

⁴ Graduanda de Licenciatura em Letras Português- Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Monitora bolsista do Programa Monitoria de Literaturas em Castelhana 2020/22 e mediadora do projeto *Grupo de Lectura*. E-mail: gabriely.lourenco@unifesp.br.

⁵ Graduanda de Licenciatura em Letras Português- Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Monitora do Programa Monitoria de Literaturas em Castelhana 2020/22 e mediadora do projeto *Grupo de Lectura*. E-mail: suellen.dias@unifesp.br



Palavras-chave: Mediação; leitura compartilhada; literaturas em língua espanhola, experiências leitoras

1. Grupo de Lectura: leituras compartilhadas de literatura em língua espanhola

por Joana de Fátima Rodrigues

Reunir-se para ler e comentar textos em língua espanhola, de variados gêneros literários, sob a perspectiva do deleite. Desligar-se das teorias e da crítica literária, e deixar que as sensações soberanas da leitura ganhem espaço, tomem as ideias, passem pelo coração e saltem pela boca em forma de depoimentos, lançando mão das línguas espanhola, portuguesa e doportunhol, mas sem abrir mão do pensamento crítico. Atendendo a essa proposta, colhida durante as experiências docentes anteriores ao curso de graduação de Letras da Unifesp, e nutrida por conversas com alunos nos corredores e nos espaços comuns do campus de Guarulhos da EFLCH, surgiu em 2016 o *Grupo de Lectura, Leituras e conversas sobre textos literários em língua espanhola*. Proposta que está a caminho de se tornar um projeto de extensão, mas que em razão da pandemia, ainda não se efetivou como tal, e que vem reunindo estudantes do curso de Letras Português Espanhol, em particular, assim como alunos de outros cursos da EFLCH e da Unifesp, como também pessoas da comunidade externa da Universidade, que reconhecem na leitura compartilhada de textos literários em língua espanhola uma alternativa contundente para (sobre) viver melhor junto ao universo macro das Humanidades, e no universo particular das Letras.

A ideia ganhou corpo e foi colocada em prática por primeira vez pelo grupo de monitores do Programa Monitoria de Literaturas em Castelhana daquele ano de 2016, promovendo encontros quinzenais, em horários do contraturno, sempre em uma sala de aula, sob minha supervisão. Para tanto, as sugestões de autores e de textos partem dos alunos e, via monitoria, chegamos à escolha final. Por isso, a escolha dos textos a serem lidos está alicerçada em três pontos fundamentais, a saber: a) textos curtos, b) textos que não tenham sido lidos e trabalhados em sala de aula durante o curso de Letras da EFLCH, e c) textos de autores em

330



língua espanhola pouco conhecidos. Atendendo a tais quesitos, os gêneros literários que vem ganhando destaque entre o elenco desses encontros, há sete anos, são a crônica, a poesia, e os micro relatos, embora os gêneros conto e romance epistolar tenham sido incluídos na última temporada de 2021/22.

De lá para cá, o Grupo vem seguindo uma regularidade e se manteve nos dois semestres de cada ano, no período de 2016 a 2018, porém, entre 2019 e 2021 houve interrupções, e a retomada se deu no primeiro semestre letivo de 2021, que devido ao calendário ajustado à pandemia, estendeu-se de outubro de 2021 até fevereiro de 2022. É justamente para esta experiência bem recente, a da retomada, que se constituiu em seis encontros⁶, que ajustamos nossas lentes para este texto, com o objetivo de trazer nossas reflexões sobre a repercussão das atividades do Grupo na modalidade remota.

No momento da elaboração de criação da proposta do *Grupo de Lectura*, levou-se em consideração um ponto de muita sensibilidade, e de extrema necessidade, em particular, aos estudantes de língua estrangeira, que diz respeito à pronúncia e à fala. Por isso, o item leitura em voz alta do texto no original, foi pensado, tornando-se obrigatório e fundamental para esse Grupo.

Como professora de literatura do binômio português-espanhol, tradutora, e hispanofalante, como também minha experiência junto à participação de atividades de caráter interdisciplinar envolvendo disciplinas voltadas ao ensino e aprendizagem da língua espanhola no nosso curso de Letras Português Espanhol, ao longo dos oito anos que integro o corpo docente da EFLCH. Tais vivências, vem endossando que nos concentremos na expressão oral, uma das dificuldades mais frequentes entre os estudantes da língua espanhola, especialmente nos primeiros quatro semestres da Graduação.

⁶ Os encontros, com 75 minutos de duração aconteceram nas seguintes datas: 15/11, 19/11, 3/12 de 2021, e 7/01, 21/01 e 4/02 de 2022. Os dois primeiros trataram de comentar pequenas ficções /microcontos, *El dinosaurio* (Augusto Monterroso), *Cada cosa en su lugar* e *Palabras parcas* (Luisa Valenzuela) e *Cuentos de horror* (Juan Jose Arreola); o terceiro, *Continuidad de los parques* (Julio Cortázar); o quarto deu início à serie intitulada *La voz del invisible*, que trouxe literatura indígena, *Todos los seres que hay en el mundo* (Lolita Batista, lendas do povo rarámuri, México); literatura trans, *La novia de Sandro* e *Madres y abuelas travas* (Camila Sosa Villada e Susy Shock, poemas, Argentina) e literatura afrocaribenha, *Cartas a mi mamá* (Teresa Cárdenas, Cuba).



Sendo assim, em cada encontro do *Grupo de Lectura*, o texto literário ao ser lido por um monitor, permite aos participantes a escuta de variadas formas de pronúncias da língua espanhola. Aspecto coerente com a diversidade que temos entre a Europa, a América Latina e as regiões fronteiriças espalhadas por essas dimensões geográficas. O que também expõe as marcas pessoais de cada voz leitora e, conseqüentemente, os diferentes aspectos linguísticos do espanhol e do portunhol, aspectos esses que são sempre bem-vindos nesses encontros justamente para que todos se sintam confortavelmente cômodos frente às suas diferenças no momento da expressão oral. Principalmente levando-se em conta o momento tão significativo dos estudos linguísticos, como o século XXI, em que a diversidade das línguas e a sua relevância para a construção identitária, tem ganhado espaço nas discussões sócio-políticas e culturais.

Logo após a leitura em voz alta do texto, acontece a acolhida dos participantes. E foi essa recepção que ganhou mudanças com a retomada das atividades do *Grupo de Lectura*, em sua versão remota, no primeiro semestre de 2021 a partir da sugestão do grupo de cinco monitoras, das quais quatro delas compartilham comigo a autoria deste texto. São as alunas, Agnes, Ana Carolina, Gabriely e Suellen, as responsáveis por duas inovações, que tiveram recepção muito positiva entre os participantes nessa temporada 2021/22. Trata-se da inclusão da música e das informações prévias sobre autor, texto e contexto nesse processo de preparação e relaxamento para a leitura.

Nesse sentido, para recepcionar remotamente as pessoas inscritas pelo cadastro de atividades de extensão da Unifesp, o SIEX, e, portanto, participar dos seis encontros realizados entre o ano passado e este, de 2022, as monitoras montaram uma lista de composições musicais pertencentes ao universo hispânico, de diferentes épocas, gêneros e estilos musicais. O objetivo da inclusão de tal recurso, reitera sua dupla finalidade, a de preparar e aguçar a audição e a compreensão oral para o texto em espanhol, promovendo uma ambientação sonora junto ao idioma, além de promover um ambiente de descontração, atingindo assim a proposta central do projeto, a leitura literária sob as condições do deleite.

“A seleção que fiz para essa playlist foi muito particular por ter um carinho muito grande pela música latina, e ao mesmo tempo, foi pensada para abrir caminho para o texto que seria



apreciado. Lembro das pessoas entrando na sala virtual às 17h30, enquanto tocava Los Desaparecidos, de Sergent García. Neste dia discutiríamos o microconto que tinha uma forte ligação com a ditadura militar, El Dinosaurio de Augusto Monterroso. No final da música, respirei bem fundo e pude ver com calma qual era meu papel ali, ver que finalmente havia encontrado um espaço, onde poderia imprimir minha subjetividade sendo também atravessada, rasgada, mastigada pelas subjetividades presentes. Essa foi a melhor das sensações que já tive na universidade, a sensação de pertencer ao caminho que escolhi e que me escolheu". Gabriely

A segunda inovação, a apresentação de dados sobre autoria/texto/contexto, em formato de um PPT, precede ao disparo de perguntas norteadoras. Lançar para o público participante questões provocativas, atende ao objetivo de dar espaço às escutas. Essas perguntas surgem a partir de encontros prévios que o grupo de monitoras mantém comigo, uma semana antes da data dos encontros do Grupo, e que abordam questões de autoria, de vocabulário, de contexto, de cotejamento entre as línguas espanhola e portuguesa, e de possibilidades de interpretações. Aspectos esses em que as subjetividades são fatores bastante relevantes, na medida em que iluminam o ato da leitura.

"Para acessar a atmosfera extratextual, como poeta, designer gráfica e educadora, me apoio na multimodalidade para acessar as pessoas por diferentes vias e estímulos, dessa maneira também espero ser acessada por elas com as reações e participações nos encontros. Além disso, para defender o direito poético às artes e às leituras descontraídas, sobretudo em outra língua, tornar um ambiente virtual agradável e mais afetuoso foi outro dos objetivos do Grupo de Lectura. Como fazer um ritual virtual para causar a aproximação e informalidade? Quando digo "informal/informalidade" não trago o sentido pejorativo que a atitude possa ter dentro de um espaço com princípios acadêmicos tradicionais, muito pelo contrário, me apoio na sabedoria de Exu, que Luiz Rufino tanto fala, em poder caminhar por todos os territórios e no caminho da encruzilhada/dos encontros de ideias e ideais diferentes conceber uma outra coisa inesperada, despojada, porém bastante séria e com certa intimidade. (...) Também foi notável a importância do nosso material de apoio, o PPT, para a mediação da leitura e condução de linha de raciocínio construída coletivamente a partir da fala/conhecimento - linguístico, humano, social e literário -



das pessoas que estavam presentes no encontro. Ao final de cada encontro outro comentário constante, além de surpreenderem-se com as possibilidades de leituras e interpretações que um texto literário apresenta, era que as imagens, geralmente ilustrações que dialogavam com o texto, auxiliavam na concretização imagética do texto literário de língua estrangeira, sobretudo para a leitura extra textual". Suellen

Ao ouvir as respostas às questões norteadoras, quem passa a ganhar o protagonismo dos encontros é a escuta. Momento em que as monitoras-mediadoras passam a palavra para que todos os participantes se expressem. Momento em que qualquer um dos três idiomas pode ser acionado, com o objetivo principal de que o participante se sinta confortavelmente cômodo para trazer ao Grupo sensações, emoções, impressões, respostas, questionamentos e críticas. Ou seja, a subjetividade em seu estado plural.

Esse conjunto de experiências múltiplas instigou-nos na criação e prossegue na manutenção do *Grupo de Lectura*, como um laboratório de leitura, na medida em que recebe os participantes, em sua formação diversificada, sobretudo como leitores; os acolhe, proporcionando uma ambientação voltada para a descontração, distanciando-os do modelo acadêmico, e constrói conjuntamente com a obra e, por consequência do autor da mesma, conhecimentos e subjetividades.

Nesses quase sete anos que o *Grupo de Lectura* vem promovendo os encontros, tivemos índices de frequências muito diversificados, com o pico de 30 alunos por encontro nos anos de 2016 e 2017. Nesses dois anos, o grupo de monitores concomitantemente levou adiante um curso de extensão, *Leitura de textos literários*, estruturado em oito encontros, nos mesmos princípios do *Grupo de Lectura*. Pode-se afirmar que a média de 30 participantes foi registrada nos encontros até 2018. Esse número, no entanto, alterou-se na versão remota, quando chegamos a ter 60 participantes para a temporada 2021/22. Entre tais encontros, o elenco de autores como Eduardo Galeano, Juan Villoro, Gabriel García Márquez, José Arreola, Elena Poniatowska, Mario Benedetti, Augusto Monterroso, Jorge Luis Borges, Ramón Gómez de la Serna, Julio Cortázar, Federico García Lorca, William Ospina, Luiza Valenzuela, Max Aub, Juan José Millás; o cantautor Victor Jara e o grupo musical Calle 13, entre outros, levaram os



participantes a descobertas, conhecimentos, e proximidades com a literatura em língua espanhola, contemplando o objetivo da leitura de fruição, distanciados de qualquer modelo de análise acadêmica, portanto longe de referenciais teóricos presentes em suas aulas dos cursos de Letras.

Dessa forma, reitera-se que o projeto *Grupo de Lectura* tem como objetivo permitir que as experiências leitoras junto a textos literários em espanhol, colabore para o desenvolvimento e a manutenção da experiência da leitura de fruição. Uma vez que seus participantes, ao se depararem com o texto literário, possam exercer de forma absoluta/integral sua capacidade leitora, multiplicando os sentidos, expandindo, no movimento pendular, suas visões de mundo e suas experiências pessoais, “em um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”, como alerta Antonio Candido. (Literatura e Sociedade, p.74).

Igualmente essencial é que as condições de prazer e de deleite da leitura literária sejam propiciadas e mantidas, o que tem levado, de forma comprobatória, em tantos estudos científicos sobre leituras e literatura, inclusive em línguas estrangeiras, a confirmação de resultados positivos no tocante à compreensão dessa produção literária; a capacidade para a construção de um pensamento crítico, criando condições de reflexões por meio de análises mais plurais, assim como a expansão de um universo de autores em língua espanhola, que provavelmente venham a compor os programas dos cursos de Letras.

Portanto, o projeto *Grupo de Lectura* da EFLCH se consolida e se justifica, na medida em que assegura a criação e manutenção de espaços destinados à escuta das subjetividades, à contemplação das diversidades, promovendo a pluralidade de leituras de gêneros literários em língua espanhola, promovendo também intercâmbios e a difusão de autores pouco conhecidos (aqueles fora do cânon, no que diz respeito aos universos literários e linguísticos), a difusão e o desenvolvimento do processo de mediação; a acolhida às particularidades pessoais dos processos leitores em língua espanhola de estudantes em sua maioria vindos de ensino público, e portanto, sem espaços de fala e de escuta, assim como a promoção de uma constante sociabilização de pessoas no momento de compartilhamento de um texto.



Dando prosseguimento a estes propósitos, o Grupo seguirá realizando uma série de seis a sete encontros por semestre, com a presença de uma dupla de monitores-mediadores, abertos às comunidades interna a externa da EFLCH e da Unifesp, colocando em evidência questões étnicas raciais e de gênero, mas não abandonando a possibilidade quase infinita das diversidades socioculturais que nos apresentam esse continente geopolítico chamado América Latina, assim como o território diverso em que se constitui a Espanha.

Por Agnes dos Santos Ezequiel

Escrever esse relato trouxe-me recordações de muitos momentos de aflições durante a graduação e por isso compartilharei um pouco desse caminho, para então expor minha visão sobre como foi e o que significou participar desse grupo de leitura.

Grande parte dos estudantes de Letras entram com uma expectativa em relação às aulas de literatura e ocorre uma quebra nessa expectativa. Logo, muitos se desmotivam, param de ler e outros leem apenas o que está no conteúdo obrigatório. Poucos permanecem leitores. Fui atravessada por essa onda de desestímulo e isso gerou grande incômodo em mim. Por isso procurei por pessoas que considerava ótimas leitoras e uma das dicas me marcou muito foi a seguinte: “Leia aquilo que você gosta e não só os textos obrigatórios dos cronogramas das UC’s (Unidade Curricular)”.

Neste momento, percebi que já não sabia mais o que gostava de ler, tinha esquecido meu gosto literário e julgava meu próprio gosto, quando não era considerado como pertencente ao cânone. Entendi que ler passou a ser uma obrigação, não era mais algo feito por prazer.

Desde então, encontrar o prazer na literatura vem sendo uma descoberta constante. A primeira vez que isso voltou a acontecer foi lendo Sherlock Holmes. Ganhei esse livro de uma grande amiga e voltei a sentir sensações que estavam perdidas, como: ficar ansiosa para saber o que vai acontecer, prometer ler só mais uma página, ou seja, o encanto voltou a aparecer. Após compartilhar meus anseios, outras amigas passaram a me ajudar e fui a um primeiro evento de literatura fora do ambiente acadêmico: o Café Literário. Aconteceu na Biblioteca Mário de



Andrade e tinha um auditório cheio para comentar sobre *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Muitas pessoas que estavam presentes ali eram apaixonadas por literatura e leitoras vorazes, e estavam reunidas com o único objetivo de comentar sobre suas experiências mais subjetivas, totalmente ligadas às percepções individuais. Muitas eram de áreas totalmente diferentes das Letras. Foi então que percebi que precisaria de lugares assim para voltar a sentir o gosto pela literatura.

Assim se deu minha aproximação com vários grupos de leitura, todos como participantes. E comecei a descobrir minhas paixões literárias, me compreender enquanto leitora, entender quais gêneros literários me atraíam mais, etc. Essa descoberta - que até então era anseios de uma estudante de Letras que perdeu o prazer em ler - passou a andar junto com descobertas pessoais por meio da literatura. E então a frase “Você é aquilo que lê”, mesmo sendo tão clichê, fez sentido. Daí em diante, minha relação com a academia passou a ser outra e comecei a levar de uma forma mais prazerosa a leitura de textos acadêmicos.

Nesse semestre, participei de um encontro como mediadora do *Grupo de Lectura* e foi bastante desafiador. Estar presente enquanto mediadora me fez perceber o quanto é difícil escutar as outras interpretações, conseguir, partir delas para fazer o papel da mediação, e conectar-se com outras falas e com os caminhos propostos e traçados antes do encontro. Percebi que esse tipo de escuta, está atrelado ao entendimento que o mediador deve ter para entender além da palavra, ou seja, entender o que de fato foi tocado e sensibilizado naquele leitor e a partir dali fazer as intervenções e conexões com outros relatos. Logo, preferi assumir as tarefas do suporte dos encontros, ficar na observação e intervir apenas quando tinha algo a acrescentar.

Pensar nas perguntas provocadoras, saber contornar o silêncio que ficava em alguns encontros, quando havia pouca interação do público, foram desafios que encontramos no decorrer do grupo. Todos os textos foram pensados, e tocavam de alguma forma as monitoras; alguns eram de total desconhecimento do público e outros eram conhecidos apenas por uma parcela dos participantes.



Mesmo sendo on-line, o *Grupo de Lectura* foi um espaço de muita troca e aprendizado. Os textos eram lidos na hora e as conversas iniciais se davam a partir das primeiras impressões. São essas impressões que muitas vezes deixamos de lado para ter maior precisão de análise, mas é também o nosso primeiro contato com o texto. Isso nos mostrou, que apesar das nossas inseguranças por ser uma língua diferente, era possível fazer a interpretação, pois tínhamos um certo conhecimento da língua.

De modo geral, foi uma experiência com despertares diferentes. Ora a sensação de desafio, ora de surpresa com as diferentes interpretações que não estavam previstas anteriormente. Assim me vi como uma dançarina com os braços entrelaçados entre o corpo, refazendo e criando novos movimentos juntamente com outros corpos em movimentos diferentes, porém sincronizados, em busca de tentativas para entender os embates que só a arte é capaz de provocar.

Logo, comparo o ato de mediar a leitura com o dançar. São muitas formas de movimentos presentes que entram em sincronia e tudo por meio da palavra, das impressões e sensações provocadas pela arte. Nessa dança da palavra, o corpo por vezes, era de total ausência (câmeras desligadas, comentários no chat...) em outros momentos, a ausência era parcial (às vezes aparecia só a voz, partes do rosto e acontecia de ter os dois). Contudo, tanto o silêncio quanto a parcialidade do corpo foram necessários para compor nossos encontros

Por Ana Carolina Lopes Silva

Quando somos chamados a fazer parte de um projeto, surgem muitas ideias interessantes, e com o *Grupo de Lectura* da monitoria de Literaturas em Castelhana, pude perceber como é curioso partilhar ideias de trabalhos com uma equipe. A análise de textos literários me proporciona um enorme prazer, e durante os encontros percebi como foi bom estar interagindo e ajudando a mediar reuniões que tiveram como pauta o compartilhamento de diferentes pontos de vista. Além dos textos estarem na Língua Espanhola, a complexidade de cada assunto



e possíveis apontamentos para as reuniões que tivemos demandava certo tempo, pois também tínhamos o hábito de traduzir algumas palavras para aqueles que não estavam familiarizados com uma língua estrangeira. Houve momentos que um ou outro comentava sobre o interesse em aprender um pouco mais sobre a língua espanhola.

Nos primeiros momentos, o público ficava em silêncio escutando o que nós monitoras tínhamos a dizer, e esperando um convite para contribuir com algum comentário. Nem sempre era fácil fazer com que todos falassem, mas conforme conduzíamos os encontros de forma tranquila, como se fosse uma roda de conversa, muitos deles se sentiam à vontade para ligar os microfones e abrir as câmeras, e assim começávamos a troca de ideias de acordo com a análise de cada um.

Normalmente os participantes faziam parte da própria Universidade, mas em alguns casos ocorria de aparecer pessoas de instituições diferentes. A maioria fazia parte do curso de Letras, e com isso percebemos que os comentários feitos durante os encontros eram analisados com um olhar mais acadêmico, e em alguns casos nos deparamos com a presença de algum professor ou professora que havia trabalhado com determinado autor, fazendo com que a nossa roda de conversa ficasse mais interessante.

No decorrer das reuniões do grupo, acabei por mediar os encontros cujos autores eram Julio Cortázar e Lolita Batista. A princípio não conhecia muito sobre esses autores, e por isso me aprofundi sobre os textos de cada um deles para compreender melhor o estilo de escrita de cada um. O resultado de tudo isso foi que me surpreendi com a forma de escrever de cada autor, o que cada leitor poderia extrair de cada um dos contos e como eles acrescentavam informações que nem sempre podiam ser percebidos em uma única leitura. O estudo de cada texto foi importante, e era após a segunda ou terceira leitura que conseguia entender melhor o significado de cada um deles.

O meu primeiro contato com um grupo de leitura foi justamente esse proposto pela monitoria. E melhor do que fazer parte como um ouvinte é estar lá para analisar cada uma das obras propostas. E tentar, de alguma forma, guiar os participantes para uma conversa amistosa e não muito longa. Também com o intuito de voltar a ter contato com textos e diminuir um



pouco a distância em que estamos pelas aulas remotas, durante esse tempo de pandemia. Ou seja, tentar tirar proveito das redes sociais e da internet para interagir mais com os alunos da Unifesp e de outras instituições, de forma que as atividades que antes eram feitas de forma presencial não perdessem a essência nesse novo estilo.

O resultado de todo esse trabalho foi a percepção de novas ideias que foram comentadas em cada um dos encontros do semestre, mostrando que a literatura é vasta, que bons autores deixam marcas em suas obras que acabam por contribuir com a forma de cada um enxergar um lado da história, e assim, ao debater diferentes percepções de um único texto. Assim, abrimos a nossa mente para compreender diferentes estilos de pensamentos e entender a diversidade de uma análise.

Por Gabriely Bezerra Lourenço do Nascimento

“Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma idealização a mais da liberdade.”
Paulo Freire, 1967 (p. 14).

Num impulso menor que vocação e, com certeza, maior que o mero desejo, a prática docente sempre foi um norte quando meu futuro teimava em ser instável, portanto, ela me deu colo, me mostrou as encruzilhadas do afeto, me deu a mão quando me via perdida a fim de me recolocar no caminho da verdade... bom, da minha verdade. Uma verdade tão carinhosamente verdadeira e breve, brevíssima, que me diz todos os dias que ela só pode ser verdade se for a partir da minha subjetividade.

A arte que se comprime, se exprime e se expande na literatura evoca o subjetivo, me evoca a compartilhar com o mundo aquilo que carrego aqui dentro, evoca minha marca, minha inferência, minha leitura da verdade.

Quando entramos no período de pandemia da Covid-19, o isolamento social que, de certa forma e por muitas razões, foi um agravante de minhas condições psíquicas, me fez crer que o único horizonte possível estava repleto de limitantes que impediriam que minha subjetividade



pudesse se movimentar. Então, enquanto a vida seguia seu curso, eu tentava seguir o meu, fechada numa caixa até me envolver com a monitoria e, conseqüentemente, com o *Grupo de Lectura*. Tamanha é a reviravolta deste tempo tão atípico, e que segue sendo a cada dia, que me encontrei com a minha subjetividade leitora novamente de mãos dadas com meu norte, mesmo que de forma remota.

Destaco então os seguintes aspectos dessa experiência que me fez ver vida nessa constante trágica, que começa com a composição de nossa equipe e se estende até o acolhimento das conversas que cada encontro proporcionou.

Nosso repertório fala muito sobre quem somos enquanto pesquisadoras, sendo uma equipe composta somente por mulheres que buscaram, a partir daquilo que conhecem e que sentem, contribuir para a multiculturalidade, pluralidade de gêneros no que tange pessoas e textos; mostrando que podemos e queremos falar sobre tudo, sendo impulsionadas e impulsionadoras das nossas subjetividades femininas em um espaço criado para abarcar um mundo de encruzilhadas. Todas colocamos a mão na massa com o pensamento disparador “o que esperamos desse grupo?” e “quanto de nós podemos doar para que a experiência seja dupla (para nós e para o público que pretendemos atingir)?”. Com isso inovamos a forma como o grupo vinha se desenvolvendo antes de nós, trabalhando com gêneros que tocam, que transpassam o sujeito leitor de forma infalível como a poesia e o realismo fantástico, e gêneros pouco explorados na grade do curso de Letras da UNIFESP como o microconto e o romance epistolar. Cada texto selecionado foi trabalhado com o extremo e merecido cuidado, analisado por vários olhares; olhares de profissionais de Letras em formação, por professoras em formação que pensaram suas possíveis chaves de leitura sob uma perspectiva única que se tornou plural em cada conversa que tivemos antes dos encontros.

Assim, depois deste intenso processo de preparação, chegamos aos encontros. Um dos elementos que julgo crucial para que os textos provocassem tantas inferências imediatas e intensas se deu pela dinâmica que propomos para essa leitura: a surpresa. O texto era enviado com apenas 1h ou menos de antecedência. Portanto, a leitura era coletiva, o acolhimento entre público e texto e entre público e mediação era imediato, os atravessamentos e dúvidas eram



instantâneos. Então, já no primeiro, eu como sempre muito ansiosa com medo de que um balde de água fria pudesse surgir a qualquer momento sobre a minha cabeça, propus que começássemos com música.

Creio que esta seja a face mais doce e pura da literatura, ela não possui limitantes, qualquer lugar é lugar dela e ela nos faz sentir que qualquer lugar é também nosso lugar. Mesmo sem os olhos nos olhos para expressarmos nossos sentimentos, houve uma troca muito qualitativa entre todos os presentes. Não foi somente mais uma atividade em busca de horas complementares, nós não estávamos ali por mero protocolo universitário, o *Grupo de Lectura* foi espaço para transpirar afetos, espaço de busca do nosso eu que chora, que tem problemas, que já está cansado de não ter a sua subjetividade respeitada e evocada durante as aulas, palestras, simpósios, minicursos... Tanto que até me arrisco a dizer que, assim como Rico Dalassam, pudemos ser as “guardiãs do alívio” e justifico: a arte literária é única e capaz de unir o corpo e a mente, ela rompe a ontologia, mesmo que despretensiosa; ela provoca, ela movimenta, ela aperta as feridas que nós, muitas vezes, nem temos consciência que existem e, quanto mais experimentamos o desconforto da novidade, mais somos puxados pra ela num caminho sem volta dos nossos próprios sentimentos e, para os olhares treinados por este corpo vivo que é a literatura, funciona como terapia.

Nós, monitoras, transformamos o grupo na porta de entrada do alívio, nos preparamos para recebê-lo lendo e discutindo os textos, refletindo sobre seu vocabulário e traduções, sobre seus contextos históricos, políticos, sociais; sobre seus autores, organizamos a casa para a surpresa e recebemos com muito carinho cada um que o buscava nesse momento tão caótico da vida.

(...) A criatividade esteve presente em tudo aquilo que toquei, a preocupação de fazer o melhor pela experiência não cessa nunca e o prazer, ah o prazer... de escolher a leitura, de ler, de falar, de ser ouvida, de ser lida, vale cada segundo de trabalho quando um ciclo se encerra.



Por Suellen Dias Ciccotti

Para mim, a literatura é um espaço de cura, de possibilidades para criar e acessar o universo imaginário. Fazer as pazes consigo mesma, abandonar um/a autor/a por um período e retomar a leitura tempos depois, se sentir traída por um/uma narrador/a quando te surpreende ao levar por veredas inimagináveis, ou iniciar batalhas com desconfortos que eram sombras desconhecidas dentro de si. Nessa arte eu não me sinto ameaçada por estar disposta a sentir, por travar um acordo com quem escreveu e me permitir entregar naquela ficção proposta, observar - fascinada e desconfiada - a maneira como a narradora me conduz através das palavras, e descobrir o texto (no) extra texto; aquele texto sutil que acontece nas camadas textuais que não são escritas; essa leitura que está no campo da sensibilidade e percepção da sutileza, sabe?

O novo grupo de monitoras se reuniu e seguimos com a proposta de termos uma programação bibliográfica que tivesse a ver com o que nos é valioso. Certamente os interesses são inúmeros com convergências e divergências. Tivemos o pedido para trabalharmos com micro contos e contos, mas queríamos ir além. Em uma pandemia, a possibilidade de trabalharmos diversos assuntos e gêneros textuais com pessoas e vários lugares do país encheu nossos olhos sonhadores.

Meu intuito e interesse era trabalhar com escritoras do Caribe e do chamado Sul-Global, apresentando pessoas e vozes de lugares ainda desconhecidos, no sentido de difundir obras literárias sob a perspectiva interseccional. Também tive como objetivo a sugestão de discussões que não contemplassem um discurso narrativo romantizado ou fetichista. Por isso elegi textos e escritoras, a partir das temáticas e dos diferentes gêneros textuais, que trouxessem inovações para as discussões sociais, e para os posicionamentos intelectuais em concordância com os interesses e objetivos do Grupo de Lectura.

No entanto essa proposta gerou um certo desconforto, e após diálogos e argumentações de nós, discentes, junto à professora coordenadora, tudo foi solucionado. A professora, com



escuta atenta e estímulo à autonomia das monitoras, alertou no entanto que essa seria uma escolha desafiadora e nos daria suporte. E assim foi.

Tivemos um público diversificado, sem exceção, atraídos pelo tema ou pela possibilidade de discutir textos em espanhol do chamado Sul-Global. Outro ponto positivo é que tivemos a participação de professoras da rede pública de ensino da prefeitura municipal de São Paulo; participativas, disseram que levarão os temas para discutir em sala de aula e gostaram das possibilidades de trabalhar o texto com música, imagens e ter a literatura como ferramenta para trazer textos de grupos invisibilizados. E apresentá-los com o propósito de que sejam incorporados no dia a dia escolar, a fim de desenvolver um trabalho positivo por uma sociedade mais tolerante e diversificada.

Os encontros tiveram grande aderência nos três primeiros, depois, o número de participantes foi diminuindo. Acredito que estamos exaustas e exaustos de tantas atividades virtuais durante a pandemia, pois estudar/trabalhar/desenvolver vida social via plataformas virtuais, não nos dá o tempo de desligamento entre uma atividade e outra que, bem ou mal, o deslocamento físico permite. O tempo de deslocamento do corpo é também um movimento do cérebro, onde você vai se desligando de uma atividade (trabalho, estudo, etc) para entrar em outra (trabalho, estudo, etc). Esta ausência do deslocamento sobrecarregou-nos de uma maneira que ainda não temos uma consciência apurada sobre tal processo.

Outro fator que acredito ter sido relevante é que, em relação aos professores/as da rede pública de ensino e estudantes, os períodos de entregas de trabalhos acadêmicos coincidiram com o encerramento do ano letivo das escolas e com as atribuições de aulas e planejamento das escolas para o ano de 2022. Fatores que contribuíram para que os encontros do *Grupo de Lectura* ficassem em segundo plano.

Tivemos conduções com pessoas bastante participativas. Ora por estímulos das mediadoras, ora porque o público já expunha colocações de maneira espontânea. Outro fator relevante foi a participação de pessoas de outros cursos, além das habilitações dos cursos de Letras, de dentro e de fora da universidade, e de outros estados. Isso foi empolgante. Conseguimos chegar onde não vislumbramos. E esse alcance, contou com a nossa persistência.



Afirmo sem receio que essa experiência de mediação (virtual) foi um respiro para ler e falar de arte, para poder sentir e nos humanizarmos um pouquinho mais em meio a crescente onda de desilusão que estamos vivendo. Fui mediadora esperando a transformação e as percepções de pessoas sobre alguns gêneros textuais. Ao apresentar novas autoras, fui tocada de uma maneira inesperada. Sigo cada vez mais segura do meu espaço como educadora, cada vez mais enamorada por *las literaturas*.

“A literatura não tem classe social, a classe está relacionada ao acesso e disseminação das Literaturas, ler e ensinar Literaturas é uma ação de amor e resistência poética”, como nos lembra bell hooks.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade Estudos de Teoria e História Literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.]

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*. São Paulo - SP. Editora Martins Fontes, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, ngela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro - RJ. Editora Mórula, 2019.

SANTOS, A. B. [Nêgo Bispo]. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: UnB, 2015.

